

Superlotação poderia ser evitada

Ministro, em visita à maternidade, diz que estado não usou verba para ampliação de leitos

Fernando Quevedo

Maria Elisa Alves

A superlotação das UTIs neonatais do Rio, que serão inspecionadas a partir da próxima semana, poderia ter sido evitada: em visita ontem ao Instituto Municipal da Mulher Fernando Magalhães — onde dois bebês morreram este ano contaminados pela bactéria salmonella —, o ministro da Saúde, José Serra, afirmou que, em junho do ano passado, disponibilizou uma verba de R\$ 17 milhões para a ampliação de leitos nas unidades de terapia intensiva para recém-nascidos no estado. O dinheiro, porém, continua parado até hoje porque a Secretaria estadual de Saúde, no governo Marcelo Alencar, não apresentou, de acordo com Serra, um projeto de distribuição das vagas pelos municípios, necessário para a liberação dos recursos. O projeto foi apresentado em fevereiro deste ano pelo secretário Gilson Cantarino, que assumiu um mês antes, e criará 202 leitos, sendo 65 em UTIs e 137 em Unidades Intermediárias (UIs).

— Não deveriam ter demorado tanto para apresentar o projeto. Mas isto foi um problema que ocorreu em vários estados, não apenas no Rio — disse Serra que, preocupado com a superlotação das UTIs neonatais das maternidades do estado, resolveu conferir de perto a situação da Fernando Magalhães.

Com as novas vagas — que o ministro disse que serão criadas em breve, mas sem especificar quando —, o Rio passará a ter 210 leitos de UTI e 409 de UI. Dos R\$ 17 milhões, R\$ 12 milhões serão usados em obras. O restante das verbas será destinado a treinamento de pessoal para as UTIs neonatais. Enquanto não ficam prontos os novos leitos, o estado autorizou as secretarias da Baixada a contratarem leitos de UTI de clínicas particulares da região. Se não houver vagas, as gestantes serão encaminhadas a clínicas do município do Rio.



JOSÉ SERRA EM inspeção à maternidade Fernando Magalhães, onde morreram dois bebês contaminados por salmonella, que se propaga com facilidade em ambientes superlotados

Ministro achou situação dos bercários menos grave do que a do ano passado

O ministro, que chegou a chorar ao entrar na UTI superlotada e ver bebês pesando 500 gramas, disse que a situação das unidades não é tão grave quanto no ano passado, quando morreram 72 recém-nascidos:

— A informação que tenho é que não houve na verdade uma situação explosiva esta semana ou na anterior. As mortes vêm acontecendo por causa das complicações de prematuros — disse o ministro, sem comentar a contaminação de doze crianças por salmonella na UTI da unidade municipal.

Maternidades passarão por inspeção sanitária a partir da próxima semana

Para evitar que a superlotação cause mais óbitos ou facilite a propagação de bactérias, as maternidades passarão, a partir da semana que vem, por uma avaliação das secretarias de Saúde e do Ministério da Saúde.

— Hoje (ontem), a Vigilância Sanitária do estado esteve na Fernando Magalhães para avaliar as condições da UTI neonatal. Durante as inspeções, vão ser coletadas amostras e analisados a qualidade do ar, o piso e o pessoal que lida com os bebês — disse o secretário estadual de Saúde, Gilson Cantarino.

Embora o estado vá ganhar mais 202 vagas de UTI e UI neonatais, o secretário de Saúde não está completamente satisfeito. Ele acredita que seja necessário ampliar ainda mais a quantidade de leitos para atender a demanda:

— Quero negociar com o ministro um novo projeto, pelo Reforsus, para a criação de mais cem leitos, além dos 202 que já estão acertados.

O secretário também defendeu a criação de uma central de internação, que reúna informações sobre as vagas disponíveis nas unidades municipais, estaduais e federais do Rio:

— Nossa intenção é que a central esteja funcionando até o fim do ano.

O secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazolla, disse ontem que ainda está preocupado com a superlotação:

— Meu medo é que tenha 5, 6 mortes por dia — disse o secretário, garantindo que, mesmo com a criação de 202 leitos, faltarão 30 na região metropolitana.

Procurada pelo GLOBO, Rosângela Bello, secretaria estadual de Saúde do governo Marcelo Alencar não foi encontrada. Frederico Caixeiro, secretário de Planejamento na gestão passada, disse que apenas parte dos R\$ 17 milhões foi liberada. A verba teria sido usada, segundo ele, na compra de equipamentos para os hospitais de Saracuna e São Gonçalo.